

## ENSINANDO FORA DO EIXO: CULTURA VISUAL QUEER

Belidson Dias Bezerra Junior - UnB

### RESUMO

Este artigo é uma colagem de ideias, histórias e memórias ancorada numa experiência prática pedagógica utilizando um corpo de imagens sexualmente explícitas para evidenciar modos de pensar sobre como a Educação da Cultura Visual se entrelaça a mudança social. Associei memória pessoal e a teoria em educação da cultura visual para reconstruir ideias de que a visualidade atua tanto como uma força para analisar questionar o que existe e existiu, assim como explorar a reconstrução social como tema crítico para as práticas contemporâneas de arte/educação. Argumento aqui que o ensino acerca de representações visuais da sexualidade tem o potencial de ir além da mera interpretação de significados hegemônicos já estabelecidos para poder explorar e entender discursos visuais culturais mais inovadores da sexualidade.

**Palavras-chave:** Educação da cultura visual. Sexualidade. Arte/educação. Pedagogia Visual. Justiça social.

### ABSTRACT

*This article is a collage of ideas, stories and memories rooted in a practical experience of teaching using a corpus of sexually explicit images to highlight ways of thinking about how visual culture education intertwines with social change. I combined personal memory and theory of visual culture education to reconstruct ideas that visuality acts both as a force to analyze and question what exists and has existed as well as exploring the social reconstruction as a critical issue for art education contemporary practices. I argue here that the teaching about visual representations of sexuality has the potential to go beyond mere interpretation of hegemonic meanings already established to explore and understand the most innovative visual discourses of cultural sexuality.*

**Keywords:** Visual culture education. Sexuality. Art education. Visual pedagogy. Social justice.

### Cultura Visual Queer

Just another WordPress.com weblog

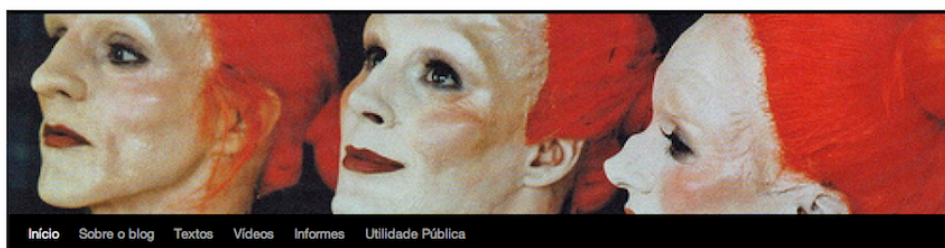


FIGURA 1. Recorte do início do Blog: Cultura Visual Queer

Como professor dos cursos de Licenciatura em Artes Plásticas na Universidade de Brasília (UnB) trabalhando com disciplinas específicas que lidam com conteúdo de gênero e sexualidade na cultura visual, sobretudo o cinema, a pintura e a fotografia, observo no meu dia-a-dia que é vital a existência de mais referenciais teórico com essas temáticas para que estudantes e educadores conscientizem-se das maneiras e razões pela quais são atraídos por um imaginário visual do cotidiano e possam ampliar abordagens analíticas sobre os modos de ver. Os paradigmas da arte/educação estão mudando e está se tornando prática comum que arte/educadores e estudantes produzam conhecimento conjuntamente, ao se envolverem criticamente com representações de seu cotidiano. Passei a acreditar fortemente que os arte/educadores podem concomitantemente ensinar, pesquisar, fazer arte e pensar por meio da educação em cultura visual. No entanto, para atingir esses objetivos arte/educadores e estudantes precisam se engajar com o pensamento crítico e pedagogias críticas e olhar atentamente para as relações de poder dentro das práticas educacionais, práticas pedagógicas e políticas (DIAS, 2011).

### **Seminários de Teoria, Crítica e História da Arte: gênero e sexualidade**

Em 2006 introduzi questões de gênero e sexualidade nos Seminários de Teoria, Crítica e História da Arte (STCHA), no curso de Artes Plásticas, Bacharelado e Licenciatura, da UnB. O STCHA é um estudo de Teoria, História e Crítica de Artes que focaliza tópicos distintos a partir de temas específicos em arte. Os temas são designados pelo professor em acordo com os coordenadores de curso mas fundamentados na área de pesquisa do professor. De 2006 a 2012, ofereci o seminário seis vezes, tendo uma vez a assistência de Carla Barreto, minha orientanda de mestrado, sempre com uma grande demanda de estudantes, não só do departamento, mas de toda a universidade.

As questões da visualidade, gênero e sexualidade sempre estiveram interligados com temas de raça, classe, comunidade, deficiência, identidade, idade, entre outros tópicos. Embora os temas principais fossem centrados na visualidade, o gênero e a sexualidade, os outros aspectos foram suplementos

cruciais para o processo de ensino e aprendizagem. Percebi que, se queremos mudar aspectos da prática em arte/educação corrente e promover a mais ampla compreensão e implicações para a educação da cultura visual, como uma abordagem produtiva em ensino de artes visuais, seria necessária a adoção de novos enquadramentos conceituais sobre as noções de poder e conhecimento, e discutir criticamente as questões de representação de raça, classe, gênero, sexualidade, deficiência, idade, etc.

Este seminário explora categorias do tropo “Trans” em gênero e sexualidade como sendo historicamente e culturalmente contingentes ao invés de expressões naturais ou de caráter privado e individual. Ele fornece os instrumentos para estudar e compreender as estruturas históricas e teóricas das representações visuais específicas de sexualidades e gêneros em relação aos discursos médicos, psicanalíticos, filosóficos e populares estabelecidos. A partir do recentes estudos e proposições em gênero e sexualidade principalmente da teoria queer, mas também dos estudos feministas, e dos estudos da representação e recepção visual.

O programa pretende criar situações para discutir, sobretudo, a sexualidade e gênero como temas cruciais no cotidiano da produção cultural visual contemporânea e suas implicações para a educação. De modo específico pretende-se ampliar o conhecimento acerca das representações de gênero e sexualidade na cultura visual; estudar a teoria queer e pedagogia queer<sup>1</sup>, analisar o discurso da cultura visual na construção da identidade de gênero e sexualidade; analisar como a educação da cultura visual, em geral, enfatiza questões de gênero e sexualidade; e investigar como o currículo do Ensino Médio em artes visuais, particularmente, pode ser estruturado para vivenciar as questões de gênero e sexualidade no seu cotidiano. O seminário define complexas relações da sexualidade e gênero e analisa suas representações principalmente em textos fílmicos mas também em textos fotográficos, publicitários e de artes visuais. Mas, ele examina exclusivamente representações do corpo humano ao explorar as diferentes formas e taxonomias do corpo trans/viado<sup>2</sup>: *cross-dresser*, *drag king*, *drag queen*, intersexo, travesti, ciborgue, entre outros. Além disso este curso possibilita a análise de influentes textos relacionados ao estudo do gênero e sexualidade ao

examinar em detalhes como a representação visual destas modalidades impactam a construção de identidades. Os textos estudados expõem os estudantes/as a uma variedade de aproximações teóricas e críticas usadas para interpretar textos da cultura visual e da arte/educação contemporânea.

Se o seminário oferece o conhecimento básico de estudos feministas e teoria queer, o seu objetivo final é o de ampliar os estudos de representação queer na cultura visual repensando as estruturas convencionais utilizadas para analisar o sexo, gênero e sexualidade e em construir novos questionamentos sobre estes vários fenômenos e seus relacionamentos. Espera-se que os estudantes/as ao final do curso sejam capazes de compreender e valorar as diferentes leituras possíveis do corpo transgênero/sexual presentes na cultura visual contemporânea. Assim como compreenderem como as relações do olhar produzidas pelas representações de transgêneros e sexualidades pela pintura, fotografia, filme, animação, publicidade, vídeo e outras medias refletem e formam o modo como definimos identidade e interagimos com elas socialmente. Ao mesmo e todo o tempo, analisamos os afetos e efeitos destas definições e representações para uma educação da cultura visual.

O conteúdo dos STCHA é determinado por uma tríade curricular entre visualidade, teoria queer e implicações para a educação da cultura visual. Nas visualidades estudamos as representações de sexo e gênero na cultura visual; os Estudos Visuais e cultura visual; cultura visual; poderes e temporalidades; e cultura visual e imagem. Na teoria queer estudamos a história da sexualidade de Foucault e a representação queer; desconstrução do sexo, gênero e sexualidade; trans/imagens; culturas e corpos; quirizar<sup>3</sup> gênero e a cultura visual; quirizar os sujeitos e suas representações; e as visões transviadamente queer. Nas implicações pedagógicas estudamos a pedagogia queer; pensar queer; e repensar histórias – relações entre teoria queer, cultura visual e educação.

### **Blog: Cultura Visual Queer**

Durante estes anos ensinando esta disciplina utilizei diferentes formas de avaliação, mas posso inferir que eram baseadas principalmente na participação em sala, ao responder criticamente aos textos do seminário, num ensaio final

escrito presencialmente ou não, e num espaço reflexivo de apresentação de visualidades e textos. Mas, neste artigo vou focar a atenção para a última atividade de avaliação como instrumento de construção pedagógica: o espaço reflexivo. Esse é um registro textual e visual que funciona como um jornal reflexivo que documenta e armazena informações sobre as atividades desenvolvidas em sala de aula e explora o seu engajamento posterior com os projetos de arte em desenvolvimento realizadas fora deste contexto. A produção deste objeto facilita a exploração pessoal e reflexiva e em profundidade dos projetos em andamento e auxilia a experimentação e o pensamento de diferentes maneiras de se fazer registros como um meio eficaz para suas pesquisas visuais.

Em alguns anos solicitei que fizessem livros arte, diários visuais, blogs, ou escolhessem a melhor maneira de apresentar as suas ideias. A experiência da criação do blog coletivo da disciplina pela turma do 1.2010, originou o *Cultura Visual Queer*<sup>4</sup> que incluiu postagens de textos/imagens desenvolvidas em sala de aula, individualmente ou pelos grupos, e ofereceram reflexões sobre elas e também um retorno visual a elas. A proposta de se utiliza o blog como elemento de avaliação partiu de Carla Barreto. Os estudantes exploraram suas linguagens preferidas no blog em formato de livro, pintura, fotografia, colagem, escultura, áudio, vídeo, etc. Os estudantes divididos em grupos podiam postar sob o nome de seus grupos Cultura Visual 1, 2 ,3 ou 4 ou se preferissem sob seus verdadeiros nomes. O blog confirmou o engajamento pessoal de estudantes com o curso e todos os grupos apresentaram na sala de aula o que postaram ao final de cada unidade do curso, apesar das resistências de algumas pessoas em expor ao público seus processos de ensino/aprendizagem ainda em andamento.

O resultado do blog excedeu o esperado, como instrumento de avaliação e prática discursiva e dialógica. O blog, apesar de ainda estar ativo, teve uma vida coletiva intensa de aproximadamente um semestre, que produziu mais de 132 posts com cerca de 223 tags (palavras-chaves) e conta com mais de 50 seguidores até hoje. Mais ainda, nestes dois anos já foi acessado por quase 62 mil pessoas de várias partes do mundo. Até hoje o blog tem uma visita diária média de 60 pessoas e teve pico de até 225 pessoas em 15 de Novembro de

2010. As postagens no blog estão sendo retomadas neste primeiro semestre de 2012 por nova turma do STCHA e por um grupo de estudos e trabalhos em Cultura Visual Queer do grupo de pesquisa TRANSVIAÇÕES: Educação e Visualidade da UnB.

Os estudantes naquela ocasião, apesar das dificuldades com os temas, se sentiram à vontade de postar questões, abertamente ou sob a proteção do nome do grupo, a partir de suas casas, de suas zonas de confortos, de seus grupos e alianças de amizades e intimidades, como por exemplo a excelente série “*Queer at the Movies: Um Panorama da Trajetória Queer no Cinema: Parte I: Dos Early Movies ao Expressionismo Alemão e ao Surrealismo; Parte II: Hollywood e o Cinema Noir, Parte III: O Auge da Era Hays, Parte IV: Um Espaço no Mainstream e o Imagético Queer na Contracultura, Parte V: Representações Não-Normativas: do Freak ao Cinema Político dos Anos 70*”, postagens de Léo Tavares. Já em outro sentido, foram postados documentários como “as Funcionárias do Prazer” realizado sobre o cotidiano de travestis profissionais do sexo do Setor Comercial Sul, de Brasília onde mostra um universo estereotipado pela mídia convencional (Postagem do grupo cultura visual 3).

É totalmente aceitável e compreensível que muitos estudantes não quisessem se arriscar a se apresentar com os seus nomes identificados em domínio público discutindo questões ligadas a sexualidade já que usualmente este tipo de estudo permite mais associações, discussões, e situações autobiográficas e identitárias. Contudo dentre tantas postagens arrebatadoras duas delas me chamaram muito a atenção: a de Lucas Sampaio sobre “*Lost girls: a obra pornográfica de Alan Moore e Melinda Gebbie - a questão da imagem pornográfica e suas relações com a educação*” e a de Alexandra Martins “*Para além do desejo comercial – Propostas de Pornografia Feminista*”.

Inicialmente foi uma surpresa pois entre os principais tags do blog não aparecia, nem aparece até hoje, a palavra pornografia, somente: Abjeto, andrógino, arte, arte erótica, cinema, comportamento, corpo, cultura visual, cultura visual queer, *drag*, educação, educação da cultura visual, feminino, feminismo, fotografia, fronteira gênero, homofobia, intersexo, intolerância,

manifestação, marginalização, música, normatividade, notícia, nu, pedagogia queer, performance, preconceito, publicidade, queer, representação, sensualidade, sexo, sexualidade, sociedade, subversão, transexualidade, transgênero, transitoriedade, travestismo, vídeo, e XXY.

Em segundo lugar, porque o assunto pornografia na visualidade contemporânea quando trazido para dentro de sala de aula geralmente provoca um grande desconforto entre os estudantes e, ao mesmo tempo, engendra certas potências pedagógicas. Nenhum das seções do meu programa de disciplina é dedicado ao estudo de materiais pornográficos adultos, mas eles podem despontar, dependendo do interesse dos grupos e/ou de estudantes em compreender o desenvolvimento de uma série de argumentos, debates e entendimentos acerca da pornografia e suas articulações com a arte, artefatos visuais, e visualidades em geral. Smith afirma que muitos acadêmicos são a favor da premissa de que materiais sexualmente explícitos tem um lugar importante nos currículos universitários, mas essa inclusão é uma escolha complexa e cheia de problemas (2009). Mais ainda, no mesmo artigo ela enfatiza que ensinar conteúdos sexualmente explícitos para estudantes de graduação é um empreendimento repleto de questões sobre o que deveria ser ensinado e como o assunto tem de ser justificado para as própria instituições de ensino.

No STCHA, o assunto pornografia surge comumente associado aos trabalhos de Jeff Koons, Gilbert & George, Madonna, o site americano *Suicide Girls*, entre outros, mas é na exposição dos trabalhos de Ken Probst que percebo os estudantes espontaneamente rindo para dissimular seus nervosismos, desconfortos e conflitos, enquanto por outro lado esperava deles uma posição mais crítica. Portanto abordo algumas preocupações sobre este fotógrafo e esses conflitos como uma forma de contribuir para discussões provocativas sobre esse assunto

### **Ken Probst: entre saberes e poderes da pornografia e da pedagogia**

Apresento nos STCHA um documentário fotográfico de Probst iniciado há vários anos atrás, quando ele foi chamado pela poderosa indústria pornô gay da Califórnia para tirar fotos promocionais. Mas ao contrário produziu um livro

com imagens cômicas e perturbadoras do que acontecia por trás dos bastidores. A sinopse do livro descreve que

Há vários anos atrás, o fotógrafo americano Ken Probst foi contratado para fotografar atores de filmes pornográficos para fotos publicitárias. No entanto ele aproveitou a ocasião e fotografou os bastidores dos estúdios mais famosos da indústria da pornografia da Califórnia, revelando os corpos, absurdos, o *pathos*, os ambientes, e as transações do cinema pornográfico. Com uma seleção delas ele publicou o livro de fotografias **Pornografik**. No livro, as fotografias são importantes documentos que reportam, descrevem e testemunham a banalidade da fabricação do desejo. Elas retratam elaboradas encenações de atividades sexuais e apresentam atores no espaço temporal da espera entre tomadas. Muitas vezes essas fotografias são mais sarcásticas do que sexuais, deixando o espectador a questionar a construção da produção mecânica do desejo sexual por meio da pornografia. (TWIN PALMS PUBLISHERS, 2012) [Tradução do autor]



FIGURA 2. Ken Probst . Fotografia do Pornografik. 1989.

A visão de Probst (1998) sobre a indústria pornográfica é bastante peculiar, divertida e não convencional. Este não foi o seu livro típico de retratos e foto-documentário, uma vez que proporciona a visão de momentos e de acontecimentos peculiares de mecanismos envolvidos na realização de filmes pornográficos. As imagens direcionam o espectador a querer ver mais além da cena retratada, e assim produzir mais desejo, pois a visão aberta e mecânica da carne humana exposta e à venda, enfatizada no livro, surpreende e envolve os sentidos. A maioria das fotos mostram quão seriamente as equipes de filmagens tratam seu trabalho. Contudo as fotos, em estilo documentário, conseguem injetar algum humor no trabalho do elenco e equipe de filmagem,



como, por exemplo, Em várias fotos é evidente também o cansaço e o tédio do elenco e das equipes de apoio. Como descreve Emmanuel Cooper:

[...] A imagem semidocumental de Ken Probst designada “Homenagem a George Platt Lynes” (1995), tirada nos estúdios de cinema pornô de Hollywood, destrói os preconceitos que existem sobre a produção da pornografia comercial, contrastando aspectos artificiais da fantasia erótica com a monótona realidade da vida de um ganhão profissional do sexo. No cinema a atividade sexual íntima parece ser totalmente autêntica, mas a exposição de Probst rasga pra longe qualquer tipo de pretensão de sentimento ou envolvimento genuíno. Outras imagens desta série mostram um cara bombado e bonito se masturbando, com uma revista pornô heterossexual, na tentativa de conseguir uma ereção, enquanto em outra os participantes estão parados no meio de uma sessão de fotos para receber instruções do diretor, cuja única preocupação é garantir o ângulo da câmera mais revelador. As imagens de Probst são engraçadas e reveladoras, nos assegurando que nunca nossa análise à pornografia será a mesma coisa novamente. (COOPER, 1995, p.239-240) [Tradução do autor]

Historicamente outros fotógrafos vêm explorando aspectos excitantes da indústria de filmes pornográficos, mas Probst parece ver muito mais no objeto do que só os corpos e o erotismo. Ele explora a beleza superficial da indústria do sexo, mas a apresenta de uma outra maneira, uma forma diferente da visualização da sexualidade. Suas fotos operam como marcadores da memória para nos lembrar que estes indivíduos, esses sujeitos da sexualidade e fantasia, não são apenas ícones fetichistas, mas seres humanos. Suas visualizações lacônicas e pouco sexuadas ampliam a visibilidade da brequice dos ambientes, a previsibilidade das cenas, e a apresentação dos atores como apenas partes acessórias da cena pornográfica. Probst mistura e borra, de maneira provocante e irônica, as bordas do que é considerado “alta cultura” da fotografia de arte com a “baixa cultura” da fotografia e filmografia pornográfica. Se o erotismo em sua normatividade vem sendo representado e construído socialmente em associação direta ao Belo e a Beleza da sexualidade a pornografia, geralmente, atua como se estivesse em oposição binária, como forma de representação que indica articulação com o sórdido, o obsceno e vulgar.

Segundo Diaz-Benitez (2010) os filmes pornográficos são elaborados como espetáculos. Espetáculos que tem que ser simultaneamente reais e críveis, apesar do exagero que o caracteriza. Ela argumenta que

Como valor estético, [o pornô] é construído a partir da combinação do exagero, mediante a exploração de situações extremas, com uma estética do realismo, por intermédio da exposição pormenorizada dos corpos e das práticas. Nesse paradigma que visa a exposição do espetacular a partir do exagero e do realismo, os performers aprendem a pôr em cena atos grandiloquentes incorporando técnicas corporais.[...] Diretores, fotógrafos e *cameramen* por sua vez reconhecem os artifícios que permitem, tal como no cinema convencional, a criação de um ambiente ideal para a transmissão do ideário. (DIAZ-BENITEZ, 2010, p.99).

De fato parte da espetacularidade da pornografia está no hiper-realismo. A pretensão de realidade é transgredir o sexo, a sexualidade do cotidiano, por exemplo, pelo aumento da duração das cenas, pela fantasia, pelo aumento exagerado das genitálias, pela perfeição afetada dos corpos, entre outros. A pornografia tem o poder de criar discursos sobre o excesso: masculinidades e feminilidades excessivas (supermachos e superfêmeas), mas também proporciona a produção de saberes sobre a interpretação dos prazeres, do erotismo e das nossas escolhas.

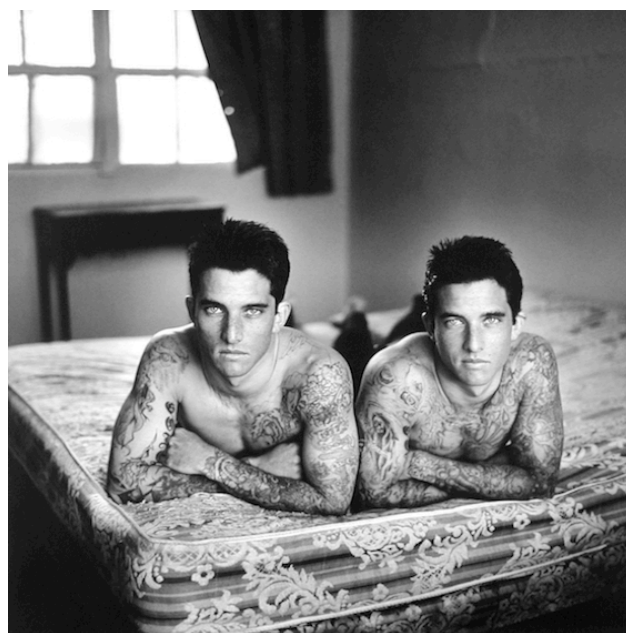


FIGURA 3. Ken Probst. “Gêmeos tatuados”, Fotografia do Pornografik. 1989.

### **Pornografia e teoria queer**

O mainstream da pornografia hardcore mundial (Sexo Explícito) segue uma ordem binária e normativa pois é formado por dois segmentos principais: filmes voltados para público heterossexual e homossexual (sendo que os filmes gays são hegemônicos em relação aos lésbicos). É, portanto, a partir do trabalho de Probst na confluência da cultura visual (cinema e fotografia) e da teoria queer,

que situo este trabalho para discutir ideias de saberes e poderes na pornografia. Parto da premissa inicial que o discurso fotográfico de Probst em *pornografic* é uma performance *queer*, logo ele não é heteronormativo.

Heteronormatividade aqui entendida como uma construção discursiva com viés político que gera a normatização da heterossexualidade como modo “correto” de estruturar os desejos; e, ao fazê-lo, marginaliza todas as outras formas de desejo. Ela é constituída por regras, as quais a sociedade produz, que controlam o sexo dos indivíduos e que, para isso, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar-lhe o efeito natural (BARRETO e DIAS, 2010). Contudo a construção heteronormativa passa essencialmente pela construção discursiva dos outros, dos abjetos, entre eles a homossexualidade. Estas performances identitárias de gênero e sexualidade são reguladas por normas que estabelecem como homens e mulheres, machos e fêmeas, devem agir – o que identificamos como heteronormatividade. Trata-se de um padrão de gênero e sexualidade que tem a qualidade ou força de uma norma. Portanto, as práticas não-heteronormativas são aquelas construídas por indivíduos que, em suas performances, não reiteram os ideais heteronormativos impostos em sociedades, ou seja, as normas heterossexuais e por conseguinte homossexuais também.

A teoria queer e os estudos queer propõem um enfoque não tanto sobre as populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução acompanhados de seus próprios conjuntos de políticas que questionam as posições binárias (BUTLER, 2003). Deste modo, uma suposta natureza dualista da identidade e seu caráter unitário de subjetividade são questionados em suas premissas, e o resultado disso é a desconstrução da hegemonia heteronormativa sexual.

Probst propicia a desconstrução do processo de normatização da “homossexualidade” como categoria de sexualidade pela pornografia. Logo uma das características mais específicas de *pornografic* é abrir a discussão sobre identificações e desidentificações de gêneros e sexualidades e interferir com os cânones instituídos do desejo sexual e gênero. Suas fotografias exploram representações corporais do gênero pornográfico, dos gêneros

(masculinidade e feminilidade) e sexualidades; além de provocar o espectador a questionar as classificações tradicionais de gênero e seus sentidos. As representações fotográficas de Probst dos gêneros/sexualidades deslocam as várias maneiras de vê-las, interrogam a interação do problema entre o espectador e o objeto da visão e oferecem uma crítica da naturalização da homossexualidade/heterossexualidade em nossa sociedade contemporânea. A fluidez com que as suas fotos dissolvem as fronteiras de representações da pornografia institui uma crítica de identidade que afeta e desloca representações normativas de gêneros e sexualidades, desafia espectadores a confrontar a posição de onde olham e os conduzem a um nível de consciência do ato de olhar.

A teoria queer ocupa-se, dentre outras coisas, de questões sobre a visibilidade e reiteradamente usa os termos “visível” e “invisível” como indícios de suas representações políticas e diferentes possibilidades interpretativas. Ao sugerir que sexualidade, sexo, e gênero são construções sociais, portanto mutáveis e deslocáveis e nem sempre simetricamente alinhadas, a teoria queer abre novas formas de aproximações com a sexualidade e o gênero que desarticulam conceitos de normalidade. Ao expor as relações entre sexualidade, sexo e gênero como oscilantes, a teoria queer envolve a sexualidade e gênero como efeito da memória social e individual; e abre-se para possibilidades de articulações entre definições e conceitos. Portanto, a teoria queer, como um corpo teórico, é utilizada nessa análise como um dos suportes metodológicos porque permite esse fluxo transdisciplinar de espaços e lugares. Esta escolha metodológica refere-se inicialmente aos meus argumentos de que os discursos *queer* são capazes de: ajudar a cultura visual a incluir e conhecer o estudo da representação visual de questões sociais - especificamente gênero e sexualidade; confundir e provocar noções arraigadas sobre a arte, representações visuais e o senso-comum ao mudar continuamente conceitos de gênero e sexualidade; e desse modo incentivar pedagogias de confronto ao contrário de pedagogias de assimilação e de reprodução acrítica das formas e desejos de saber; e sugerir formas de definir e estabelecer práticas de educação da cultura visual em que incentiva-se interações entre o espectador e os objetos da visão queer.

Este trabalho de Probst invoca o que eu chamo de “in/visibilidade”. A razão para invocar a in/visibilidade é que a formação de seus sujeito *trans/viados*, fora da norma, fora do eixo da normalidade partem, confinam-se e buscam perspectivas diferentes. Busco na *teoria* queer elementos da discussão sobre “visibilidade”, “invisibilidade”, “não-invisibilidade” ou “in/visibilidade” como formas de representações que procuram traços de sentidos “dentro” ou “fora” da cultura *queer*. As subjetividades *trans/viadas* e suas modalidades de representações visuais ganharam à reputação de ser visivelmente complexas, perigosas e controversas. A in/visibilidade dessas subjetividades é sempre complexa e isto expressa a necessidade ou ausência de imagens e códigos específicos, mas também a deficiência de práticas interpretativas para entendê-las. O “sujeito” *trans/viado* como local de in/visibilidade, memória, e localização das questões e temas *queer*, são criaturas indecidíveis, como por exemplo as representações de vampiros, zumbis, mortos-vivos, fantasmas, assombrações, e entidades, que têm que ser imaginados/esquecidos tanto quanto vistos, pois partem de perspectivas diferentes de outras performatividades de gênero normalizadas e outras perspectivas de sexualidade. No cotidiano, os *trans/viados*, veem e vivem gênero e sexualidade por meio de uma forma concreta de corpo-realidade, por um ângulo forçosamente tangencial, físico e material, e existem dentro de uma perspectiva e aparência de memória, desejo e fantasia. Aqui, foco na memória como in/visibilidade entendida como categoria de espaço, mapas, geografias, beiras, migrações, representações e deslocamentos no contexto dessas fotografias e representações *trans/viadas* de Ken Probst já que tornam visível a estranheza queer que provoca crises em categorias da identidade de gênero e sexualidade.

### **Considerações pedagógicas**

Muitos acadêmicos podem ponderar que estimular estudantes a pensar sobre pluralidades, diversidade e subjetividades sexuais constituiria num exercício de frivolidade pedagógica, mas, em verdade, me deparei com o contrário. Muitos estudantes conscientemente, seriamente e cuidadosamente agenciam suas próprias experiências de educação da alteridade sempre que são estimulados a questionar assuntos de gênero, identidade, raça, sexualidade e classe.

Principalmente se puder contar com o respaldo de seus professores e sua escola. Todavia, o maior problema encontrado nestes seminários é a dificuldade, aversão e indisposição dos estudantes em ler os textos, o que faz com que eles tenham grandes dificuldades em examinar criticamente suas próprias práticas, suas postagens e as de seus colegas. Como afirma Smith “*A relutância em ler é uma barreira significativa e pode significar que os estudantes não apenas perdem informações contextuais ou um conjunto mais amplo de ideias, eles não entendem o propósito do ensino*” (2009, p.571). O problema é menos na visualidade e temas pois, eles já tem uma experiência de vida, mas sim com as idealidades teóricas disponíveis para abordá-las.

Ensinar fora do eixo significa explorar teorias, construções e representações de sexualidades num campo ampliado, reconhecer períodos históricos chaves na formação de identidades sexuais e culturas e explorar políticas de identidade, subculturas sexuais e teorias da sexualidade nas visualidades. Inevitavelmente este tipo de ensino gera conflitos, mas também recompensas. Não há nada mais gratificante do que vivificar prazeres intelectuais de descolonizar o conhecimento, de provocar o questionamento dos sistemas de conhecimento anteriores, especialmente em torno de questões de gênero e sexualidade, de conduzir os estudantes a questionarem questões de "senso comum", do que é 'natural' e “normal”. Para os estudantes o que é incomum nesse tipo de aproximação pedagógica são as oportunidades apresentadas para discutir assuntos complexos e in/visíveis na escola acompanhado de professores lidando com temas relacionados por exemplo com a pornografia, e pensar seriamente sobre suas próprias crenças, experiências, compreensões e reações a materiais visuais sexualmente explícitos, e sobretudo fazer isso em uma arena pública, como o blog.

---

<sup>1</sup> O Termo Queer não está em itálico, devido ao seu uso já institucionalizado na academia em termos

<sup>2</sup> De Transviar, de corpos quirizados, corpos e subjetividades queer.

<sup>3</sup> Da tradução do verbo to queer em inglês para o Português de Portugal:

<sup>4</sup> <http://culturavisualqueer.wordpress.com/>

## Referências Bibliográficas

BARRETO, Carla Conceição e DIAS, Belidson. *Entremeados: a Teoria Queer e Matthew Barney* In: III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, Goiânia. PPG -Cultura Visual ( UFG), 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Aguiar, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COOPER, Emmanuel. *Fully exposed: The male nude in photography*. 2. ed. London: Routledge, 1995.

DIAS, Belidson. *O I/Mundo da Educação em Cultura Visual*. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB, 2011.

DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. *Nas Redes do Sexo: Os Bastidores do Pornô Brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar 2010.

PROBST, Ken. *Pornografik: Photographs by Ken Probst & story by A.M. Holmes*. Santa Fe, New Mexico: Twin Palms Publishers, 1998.

SMITH, Clarissa. *Pleasure and Distance: Exploring Sexual Cultures in the Classroom*. *Sexualities*, v. 12, n. 5, p. 568-585, October 1, 2009.

### **Belidson Dias**

Professor adjunto em arte educação da UnB, Programa de Pós-Graduação em Arte. Ph.D em Estudos Curriculares, UBC/Canadá. Pesquisa a Educação em Cultura Visual e relações com currículo, cinema, pós-colonialismo, sexualidade, gênero, e justiça social. Coordena o LIGO - Laboratório de Educação em Visualidade e é líder do Grupo de Pesquisa TRANSVIAÇÕES: Educação e Sexualidade (UnB/CNPq).